

CAPÍTULO XII

A INVENÇÃO DA VIDA NO PLANO DO TRABALHO

“Já ouvi muita gente exaltar as virtudes do trabalho; já ouvi como se desqualificava a um cidadão simplesmente porque não tinha um emprego regular. Como se a maldição bíblica de ter que ganhar-se o sustento no soco e no sufoco, fosse a suprema virtude. Eu não compartilho essa espécie de mística da produção e do trabalho. Trabalho por um princípio elementar de autonomia, porque não gostaria ser um parasita de ninguém e porque o ócio prolongado é um péssimo negócio. Contra todo o que se afirma por aí encontrei meu métier; trabalho 20 horas por semana (sou professor, você sabe), mais algumas horas vagas. Fico com um bom tempo de ócio para usufruir do que gosto demais - ler, escutar música, conversar, olhar, caminhar, contemplar, meditar, andar por aí no assédio de um novo evento. Dando aulas me divirto; você sabe, esse pesoal de colegial só quer folga e divertimento; pão e circo, não é esse o lema de nosso povo? Não me queixo, este não é meu problema. Ser professor não dá status, mas dá maior liberdade; não dá dinheiro, mas dá satisfação; não bitola, obriga a questionar; não estagna, impõe atualização”. (J.R. professor de inglês, 26 anos, solteiro, brasileiro)

1. Escolha profissional, vocação e fatores que determinam a escolha

Ganhar-se o sustento é uma arte nem sempre fácil, sobretudo nos países subdesenvolvidos, sempre indo aos trancos e barrancos. Desemprego, salários baixos, profissões em baixa, mercado oscilante demais, excesso de gente procurando um lugar no mercado produtivo. J.R. não conheceu as peripécias de procurar emprego pela primeira vez com seu cortejo quase inevitável de expectativas e decepções, de breves entrevistas que não dão em nada, de negativas ora corteses, ora displicentes. Foi um rapaz afortunado. Filho de um médico próspero, nunca teve problemas materiais que fossem obstáculos a sua proposta de vida; pouco adepto a qualquer disciplina

que lhe exigisse um esforço persistente, não lhe foi difícil descobrir sua vocação, tão importante na etapa adolescente. Imaginoso, com um gosto precoce pelos requintes do verbo, facilmente decepçionável com as pessoas de carne e osso, logo encontrou na literatura seu campo predileto. Agregue-se a todos esses traços, sua forte necessidade (ou demanda) de novas vivências, que o colocam amiúde no limite entre a realidade redonda e rodante e a pura fantasia, além de um forte ideal de si mesmo, e entenderemos sua propensão a tomar-se não só como ator de seu teatro pessoal (que todos o somos) mas como seu principal personagem.

-Como é que se tornou professor, e professor de inglês, lhe pergunto.

-Primeiro pensei estudar jornalismo, mas conversando com um amigo, que conhecia muito bem os ossos do ofício, desisti; os jornalistas não são aqueles mandarins que se supõe dirigirem a opinião pública. Todos eles obedecem ao Sistema e até os Paulo Francis, com seus cacoetes, rezam o rosário do patrão, não importa se usam o púlpito pontificando para todos os ventos. Aliás, eu sabia que tinha dotes para línguas e aos 17 já tinha lido Julio Cortazar e Norman Mailer, dois santos de minha devoção; então a opção não foi difícil. Ensinar era algo que me atraía: você tem um público obrigatório e certo -e não são todos os atores que conseguem essa graça. Gente nova, com a mente aberta para qualquer proposta, ainda a mais maluca. Ponha outra pincelada neste quadro: poderia escrever, no futuro, meus contos diretamente na língua de Henry Miller, outro xamã que na época me colocava em transe. Foi aí que entrei nesta transa.

-E seus pais tiveram alguma influência na sua escolha?

-Meu pai queria que estudasse medicina. Esse é um negócio redondo, me dizia. Você consegue respeitabilidade, dinheiro e status em curto prazo, tudo as custas da dor e do sofrimento mas essa é a lei da vida. Não entrei nesse papo; sei que muita gente ganha dinheiro as custas da desgraça alheia, não só o médico; o advogado enche seu bolso às custas do infeliz que é pego em infração; o padre, às custas do pecador; o militar não fica atrás -vive do temor à desordem, do ataque de um suposto inimigo. Meu raciocínio está errado, ou tenho um pingô de verdade? Voltando a sua pergunta, não houve pressões; meus pais têm um notável senso de liberdade,

-Sua mãe por acaso não é professora? (sempre é conveniente examinar a influência dos genitores na escolha do ofício, que quase sempre existe de alguma maneira)

-Sim, mas ela não insinuou nada; claro, talvez por ser professora de espanhol me influenciou sensibilizando-me para boas leituras e para os artifícios do verbo; deu-me também uma certa imagem do que é ser um escri-

tor; ela se corresponde com todos os grandes da literatura latino-americana. As duas vezes que estivemos em Buenos Aires visitamos Borges e Ernesto Sábato; o pouco que conhecemos aqui do chileno Nicanor Parra é em grande medida obra sua. Sim, ela foi um modelo; é uma grande mulher; o mais notável é que sabe combinar o serviço doméstico com seu trabalho intelectual.

-Então a idéia de escrever e sua entrada no campo das palavras e das ficções literárias encontram sua fonte inspiradora pelo lado materno.

-Acredito que em grande medida, mas houve outras influências; tive também um bom professor de português, um cara sabido e muito garú; foi ele que me passou o *Song to myself*; ele mesmo era figura de estilo Whitman, sem o lado uranista do poeta; foi ele quem elogiou minha veia imaginativa, "você tem estro, rapaz, vá em frente". Isso ajuda; tinha 15 anos e que um gurú ponha seus olhos na sua figura é uma grande ajuda; sou grato aquele mestre. O que será dele? Será que terminou na redação de um jornal, redigindo as fofocas e tolices que os pasquins publicam? Será que desistiu de sua proposta de ser um homem singular e excepcional?

-E em você como surgiu essa proposta de ser um indivíduo singular e excepcional?

-Olha, eu conheço a teoria desse tal Alfred Adler, do complexo de inferioridade e a vontade de superá-lo, essa coisa toda. Talvez seja válida para muita gente; não foi meu caso...

-Não foi, não? (minha dúvida é uma forma de provocação, para levar a pessoa a um questionamento de sua posição, sobretudo quando ele mesmo tenta descartar uma alternativa plausível). Fica pensando como se estivesse examinando sua convicção. Aqui temos que ater-nos a uma tática dialética: nos muito convictos introduzimos a dúvida razoável, no duvidante, a elementar certeza; no tímido mostramos o ponto seguro, o chão firme da mãe-terra (inclusive fazendo andar descalço); ao narcisista mostramos a tola vaidade de toda autoexaltação e a suave beleza da humildade, o tranqüilo deleite da penumbra. Ao ávido por primeiros planos lhe oferecemos o encanto do anonimato.

-Estou pensando como a raposa virou mariposa; uma coisa me parece certa: nunca gostei de ser ovelha de rebanho, embora tampouco seja lobo, de cabo a rabo. Então de onde surgiu essa idéia de ser diferente? Pela percepção precoce de que a gente diferente tinha algo mais -algo de mais valor, que as tornava interessantes; meus pais também são diferentes; minha mãe é uma mulher modesta, despretensiosa, mas cultiva seus requintes; tem um grande orgulho de suas relações internacionais com escritores de grande

valor. Meu pai faz questão de marcar a diferença, sem alarde, como corresponde a uma pessoa bem educada, que ainda cultua o respeito pelos antepassados. O que mais lhe posso dizer? Sei que tenho muitos traços em comum com meus congêneres; afinal, meus ancestrais longínquos também se balançavam nos galhos das árvores. Mas como indivíduo não quero ser um símio qualquer.

- Tudo indica que seu movimento mais próprio é ascendente, no sentido do destaque e dos planos aéreos, não apenas da diferença; foi o que observei especialmente nos três contos que você escreveu; já pensou para onde o leva sua vontade de destaque?

(Lhe coloco a questão de um modo bastante aberto, para que ele a tome no sentido que mais se insinue na sua mente. Não sei se ele vê as possíveis desvantagens de seu projeto; por enquanto percebe o lado comum mais óbvio com seus congêneres; eu diria o lado mais e menos humano)

- Não me importo muito com isso; sei que tem seus riscos; quero realizar meu potencial, não posso deixá-lo amortecido no fundo de mim; sei que não terei ganhos materiais, nem tampouco alguma forma de glória, apenas a estranha glória de percorrer caminhos até então não transitados por outros. Megalomania? Tolice? Pouco importa; só sei que por ora este é meu destino. Sou muito jovem ainda, estou começando o ofício de escritor; engatinhando; é um trabalho alternativo; meu ganha pão é o ensino; logo entrarei no ensino superior, assim que tire meu mestrado; aí deixarei as coisas escolares, será só literatura. Quero ser alguém, sim; ser alguém no jogo limpo, sem pisar em nenhum cadáver, sem usar competição sórdida; devagar, sem esse suor azedo que emana dos buscadores de sucesso; sem ter que fingir e bajular a ninguém; sem ter que usar máscara mas sabendo que boa parte da vida é uma farsa; tudo isso é muita pretensão?

O que se pode responder a um a pergunta assim? É um grande passo estar ciente do potencial pessoal, mais ainda se esse potencial é assumido como vocação: como o chamado (vocare, invocare = chamar, invocar) do ser-próprio (o self) para sua missão como agente de seu destino. É uma missão muito centrada em si mesmo, com todo o lastro egóico que isto implica, sem que sua proposta iniba o lado ético, pois procura o jogo limpo. J.R. não direciona seu projeto num sentido social; não se propõe evangelizar a ninguém, embora não se recuse a uma eventual coparticipação numa obra coletiva. Seu projeto é marcadamente individualista, embora saiba que toda obra emana de um contexto social e irradia nessa direção. Está ciente de seu potencial, que, pelo que pude apreciar, é bastante rico, estando orientado na

direção que ele sente como sua vocação mais própria.

Nem sempre atendemos a vocação; não por mero desleixo. Os setores mais pobres entram cedo no mercado de trabalho, laborando no que se apresenta, sem maior escolha. Terminam por aceitar sua condição, pressionados pela necessidade de subsistência. Os mais passivos ficam no primeiro que encontram -ofícios manuais, serviços domésticos, policiais. Oriundos de um meio que não alimenta grandes aspirações (os setores proletários) logo se conformam com sua sorte. Trata-se de "ir tocando o barco segundo a direção da corrente e do vento". Outros, pelos motivos mais surpreendentes, decidem superar os desígnios da sorte. Empenham-se numa proposta que, por vezes, lhes permite alcançar um patamar sócio-econômico bem melhor; isso quando se profissionalizam ou têm alguma habilidade especial - comercial, esportiva, artística, intelectual.

O que um camarada pretenda ser em termos profissionais depende, em grande medida de sua condição estamentária. A chamada mobilidade social ascendente é mais um mito que uma realidade estatisticamente significativa. Tem uma certa validade nos países do 1º Mundo, mas nos países do 3º e 4º mundos, não mais de uns 5% se tornam classe média. Os ricos continuam sendo sempre uma minoria pequena (5, 6%?). (Veja-se a esse respeito as pesquisas de Bertaux)

Estes dados não são nada desprezíveis. Entre outras coisas nos permitem avaliar as dificuldades que tem que enfrentar uma pessoa dos estratos baixos na sua tentativa de ganhar alguns degraus na pirâmide social. Até se diria que resulta surpreendente que um indivíduo do círculo da pobreza consiga superar todas as barreiras que lhe impedem transitar para os círculos médios. A primeira barreira está presente em seu próprio círculo familiar: é provável que não encontre nenhum incentivo em seu ambiente familiar que o incite a ir um pouco mais longe que o destino de seu grupo; pelo contrário, é provável que seu empenho seja visto como arrogância descabida, algo censurável. Um testemunho vale mais que toda uma argumentação:

"Até os 15 anos eu era um simples moço de café; um rapaz com a vaga idéia de conseguir um outro trabalho por uma graça da sorte. Sim, queria algo melhor; nada que pintasse em meu panorama como extraordinário. Cheguei a imaginar que seria ótimo se conseguisse ser porteiro no Banco Central, pois tinha conversado com uns caras do Banco e todos pareciam uns felizardos; pareciam pessoas muito decentes, com seus uniformes. Estudava no ginásio, mas sem ter um plano definitivo para o futuro. Era um moço bastante ingênuo, muito respeitoso com os chefes e com todos os que pareciam de uma classe social

superior. Vivía num bairro periférico, com dois irmãos, igualmente operários, já conformados com sua sorte, pois são. 6 e 7 anos mais velhos. Veja como são as coisas. Eu só tinha uma grande aspiração: namorar, no futuro, com uma mulher decente. Decente era para mim qualquer pessoa que fosse branca, morasse num bairro de classe média, vestisse com certa distinção. Eu era ingênuo mas sempre fui vaidoso: cuidei de minha aparência e de falar um bom português. Eu tentava assim dissimular minha origem social.

Aos 17 já estava no colegial, num a escola noturna; aí pintou algo novo; comecei a pensar que seria hora de mudar de emprego. Estava de olho numa menina linda, tal como eu a tinha imaginado. Percebi que ela me correspondia. Era algo estonteante, terrível. Eu era um coitado, o que fazer? Sentia-me encurralado. Não podia aproximar-me dela, o que lhe diria? Que era um pobre moço de café? Que meus irmãos eram outros coitados sem destino? Por fim me decidi; sim, ela estava querendo namorar comigo. Eu estava louco; nos encontramos 3 ou 4 vezes. Eu menti em tudo. Foi o medo; o medo da rejeição; a vergonha de minha condição; o contraste entre um a mulher decente e um cara da periferia.

Era o que eu pensava naquela época, mais de dez anos passados. Fugiu; apenas lhe escrevi duas linhas; ainda me lembro: Desculpe-me; eu a enganei em tudo; eu não estou a sua altura; você merece algo bem melhor que eu; uma pessoa de sua mesma classe. Nunca a esquecerei. Adeus.

Deixei aquela cidade e vim para São Paulo. A partir dessa experiência, decidi que seria alguém; pelo menos teria uma profissão qualificada. Não digo que foi fácil, mas eu compreendi com todas suas letras que a situação econômica social de um cara define boa parte de sua vida. Não toda, claro; também é necessário ter cabeça, ter caráter para enfrentar as dificuldades, ter força de vontade. Sem tudo isso você não é nada. Cabeça, caráter, vontade e fé em si mesmo. Com todo respeito, não me tome por uma pessoa pretensiosa demais, estes são os quatro pilares que sustentam uma pessoa que não anda à toa pelo mundo. O fato é que comeci a trabalhar como simples auxiliar de rádio-técnico. Dois anos depois sabia tudo o que aí se fazia, inclusive televisão. Aquilo me entusiasmou. Isso era um belo trabalho; ao contrário de ter que servir cerveja e pão com queijo num boteco.

E antes que me esqueça: fui aceito na firma de rádio-TV porque tinha feito um curso no Senai; primeiro fui office-boy; logo a sorte me

deu uma carona: o chefe gostou de mim; gostou sobretudo quando eu lhe pedi conselho. 'Estuda 6 meses no Senai e eu te coloco de auxiliar-técnico'. Foi um cara bacana. Até hoje lhe sou grato. Só que hoje ele é meu assistente; eu progredi nos três sentidos da palavra. No material sou um homem próspero; no psicológico, sou um homem sensato, satisfeito com meu modo de ser; no plano espiritual, acredito que tenho muito que aprender ainda, mas agora vejo com mais confiança as pessoas e sinto que não devo fechar-me em meu egoísmo; não sou um cara centrado apenas no trabalho; aprendi a gostar da música e do cinema de qualidade. Ainda espero encontrar uma companheira". (EME, 28 anos, electrotécnico- dono de três lojas de consertos, solteiro)

Salta à vista o contraste entre J.R. e EME. São mundo diferentes. Eme se defronta cedo com as dificuldades que impõe a precariedade material. Parece bem adaptado a sua condição sócio-econômica, no início. Na época do despertar para uma nova etapa de vida, percebe que nunca terá um bem precioso -mitificado na sua fantasia- a menos que mude de estrato social; graças a seu primeiro grande fracasso no plano sentimental decide tentar outras veredas. Num ato de ousadia, e de provável desespero, emigra para outra região. Uma pessoa de inteligência normal logo capta um fato descarnado e nú: as pessoas são classificadas e tratadas segundo seja sua situação estamentária e segundo seja sua aparência física. Eme enxergou muito bem este traço do sistema social; em vez de acomodar-se, como faz tanta gente (e nunca faltam palmadas de consolo que acalmam a consciência do sujeito), ele entendeu que tinha que sair do círculo da pobreza, tanto mais dura quanto mais consciente se está de suas conseqüências. Para ter uma idéia mais redondeada nesta esfera lhe pergunto:

-Quando você veio para São Paulo já tinha algum plano sobre o que pretendia fazer?

-Não, tudo o que sabia é que não voltaria a ser servente de um boteco; isso é para gente lerda, parada. Faria qualquer coisa onde pudesse progredir. Alguém, um colega, me tinha falado de trabalhar numa gráfica. Tentei. Nada, só promessas, talvez no próximo mês. Aí, falando com um senhor numa padaria ele diz, indicando-me uma casa de consertos de TV. "Vai lá, quem sabe se hoje é seu dia". Fui. Aí falei com um senhor de sotaque bem fechado. Rezei. Ajuda-me meu Cristo Salvador, tu sabes que só quero ser um homem honesto e limpo de coração. Não deixe que ande por aí como um vira-lata sem rumo. Era o Sr. Manuel, um português. Depois de algumas perguntas de praxe me aceitou como "oficial para serviços vários" (foi assim que falou). Nunca encontrei na minha vida uma pessoa mais nobre que

esse português. Até hoje o trato como a um pai.

2. A importância dos modelos sociais e do mestre

-Além de oferecer-lhe uma oportunidade de emprego, o que mais fez o sr. Manuel?

-Primeiro me estimulou a estudar um curso de rádio-técnico, mas sobretudo me tratou sempre com muita consideração e carinho; ele me ensinou a ser gente, numa palavra; não apenas se interessou em que eu progredisse no trabalho, me chamou a atenção para muita coisa importante; "é preciso educar o caráter, não deixar que os maus hábitos tomem conta da gente; é preciso saber usar a inteligência não apenas para criticar os outros, mas para enxergar corretamente os problemas da vida prática; é preciso ter algumas ilusões, mas não alimentar-se de ilusões, pois aí se tornam indigestas". Quer ainda mais? Num mundo onde poucos se interessam por você num sentido positivo, isso é muito. Talvez não seja bem um pai; é mais que isso: é um mestre.

-Já pensou na diferença entre um pai e um mestre? Lhe formulo esta pergunta porque sou daqueles que pensa que um mestre é algo de essencial na vida de todos nós. Contudo, não são muitos os que têm o privilégio de encontrar um mestre, embora para uma fração dos que seguem um ideário religioso ou filosófico o líder do ideário seja visto como um mestre.

-A primeira coisa que passa por minha mente é que um pai também pode ser um mestre; não são conceitos que se excluem; mas um mestre é uma fonte não só de afeto e respeito; penso que deve ser algo mais; deve ter...como lhe diria, deve ter sabedoria. Estou errado? No meu caso, meu pai era uma pessoa muito limitada, quase analfabeto, simples (não simplório, entenda-me bem); mestre Manuel é simples de aparência mas refinado e profundo em seu pensamento, conhecedor dos aspectos mais complexos do ser humano e do mundo".

Parece-me certo que para ir um pouco mais longe que a média, alcançando um nível evolutivo mais alto, se precisa de modelos ideais com os quais o sujeito possa ter um liame de identificação. Não pode ser um modelo inalcançável -tipo Cristo ou Buda, que são figuras fundadoras de um suprasentido. A sociedade de massa oferece a figura do ídolo popular, geralmente o indivíduo de sucesso (o esportista, o cantor, o artista). A tradição brinda o herói, aquele que encarna os valores da nacionalidade. Nas diversas instituições surgem os líderes (incluindo aqui os líderes da delinquência organizada, especialmente as grandes figuras do tráfico, verdadeiros heróis para o lumpem (1) e para os favelados). O mestre (e o guru, da tradição oriental) é diferente

de todos os anteriores; a diferença reside na sua maneira de agir: oferece um modelo de vida e se dá num plano de interação com o discípulo -seja por contato pessoal, seja pela assimilação de sua obra. Não há dúvidas de que o contato direto com o mestre é mais proveitoso. É lamentável que rara vez sejam os pais mestres qualificados, embora sempre operem como modelos.

Quando examinamos a vida das pessoas que alcançaram um patamar de desenvolvimento maior, vemos que a influência de algum modelo ideal sempre foi decisiva. Falo de desenvolvimento da personalidade, onde não apenas as capacidades e habilidades do sujeito encontraram sua linha de crescimento (todos podem ser bons carpinteiros, hábeis músicos, espertos comerciantes, qualificados administradores, etc), mas onde a pessoa alcançou o estágio dianético (2).

3. A profissão como modalidade dominante de relacionamento homem-mundo - e como configuradora de alguns aspectos do caráter

De todas as atividades práticas, o trabalho ocupa um lugar especial, pois ele permite a realização concreta da pessoa e lhe outorga um status definido dentro do grupo social. Por esta razão, o trabalho pode ser fonte de insatisfação nestas duas direções e a pessoa pode estar sentindo que seu trabalho não corresponde às suas capacidades, nem às suas expectativas - insatisfação com o que faz- também pode avaliar sua profissão como sendo de um status muito diferente de seus desejos de promoção social.

Em grande medida a profissão nos define em nosso ser social. O fazer é um aspecto do ser, razão pela qual o indivíduo que não concorde plenamente com seu trabalho, terminará invariavelmente não concordando consigo mesmo; entrará em conflito. Numa TD ou numa TC (&) importa esclarecer alguns pontos essenciais. Sente que se está realizando em seu trabalho? Como são as relações com seus companheiros? Acha-se indispensável em seu contato laboral, ou pelo contrário, facilmente prescindível? Sente que os outros apreciam o que faz? Já pensou ultimamente em mudar de profissão ou simplesmente de emprego? Se você tivesse oportunidade de escolher uma nova, profissão, qual seria sua escolha? Por que? O que determinou sua escolha? Há muitas questões que surgem na entrevista clínica em relação a este capítulo. É freqüente que um cliente considere que nesta área tudo está bem melhor que o esperado; gosto de meu emprego e tenho um ambiente bastante estimulante. O trabalho é a maior gratificação que gozo atualmente; isto numa primeira aproximação a este tópico. Posteriormente, num segundo estágio da terapia, podemos perceber nitidamente que esse emprego é como uma máquina narcotizante, que lhe absorve todo o tempo e

o esgota fisicamente, de modo que não lhe permite refletir sobre a situação que o aflige.

Com o aumento de sua percepção crítica, a própria pessoa termina por enxergar suas verdadeiras funções e seu papel na máquina produtiva, especialmente quando ela é empregada. Percebe que era muito ingênuo quando pensava "que era um parafuso indispensável na locomotiva empresarial". Em muitos casos, percebe que sua realização era mais fictícia que real; entende que se tinha acomodado a uma situação que apenas lhe assegurava o sustento mas que não contribuía para seu desenvolvimento.

É preciso também ponderar o grau de atividade do trabalho. É verdade que até o ofício mais humilde implica em responsabilidades. Sabemos que o grau de responsabilidade tende a justificar o sentimento de status que o sujeito experimenta no desempenho de suas funções. Quanto maior a responsabilidade maior será a percepção de hierarquia -ou valor- que o sujeito se atribua. Porém, não basta considerar só este aspecto. O grau de criatividade é pelo menos tão importante como a responsabilidade no sentimento de realização pessoal. Por importantes que sejam as funções, se estas são repetitivas e rotineiras, terminarão por produzir efeitos negativos; cedo ou tarde, o indivíduo termina por experimentar que está malogrando seu potencial. É verdade que muita gente se acomoda a uma atividade puramente mecânica e robotizante, e justifica sua acomodação alegando que "é preciso ganhar-se o pão de alguma maneira"; mas este argumento não pode esconder uma íntima insatisfação, pois um certo grau de criatividade na profissão é indispensável em razão de que o movimento da vida exige uma constante renovação.

Além do trabalho é conveniente examinar que outro tipo de atividades solicitam ou atraem a nosso cliente. Muitas vezes um emprego desestimulante é compensado por uma tarefa secundária mais criativa, de tipo artesanal, artística ou intelectual.

Para o psicólogo a profissão exercida pelo sujeito é um dado muito revelador: ela traduz a modalidade predominante de relacionamento desse indivíduo com os objetos e as pessoas. Ser engenheiro, secretária ou assistente social expressam três modalidades bem diferentes de relação homem-mundo. Não é gratuito que o engenheiro enxergue as ciências humanas como um terreno pouco ou nada atraente; nem tampouco é gratuita a dificuldade que experimenta um psicólogo ou um professor de história em interessar-se por temas de engenharia. Ser engenheiro (elétrico, mecânico, metalúrgico, etc.) implica já olhar o mundo de uma certa maneira, o que leva a agir e sentir de um modo conseqüente. O engenheiro mecânico tenderá a ver o mundo em termos de uma gigantesca máquina que funciona em grande me-

dida de acordo com os princípios de sua disciplina. É muito provável que conceba as relações sociais - objeto da sociologia- como um fenômeno abordável mecanicamente. Dirá que conflitos de classes (sociais) podem ser adequadamente "lubrificados para evitar apertos e fricções desgastantes". E não pensa que esta maneira de falar é apenas uma metáfora: pensa que esta é a maneira mais correta de ver as coisas. O ditado afirma "que o hábito não faz o monge"; o hábito, como simples vestimenta externa não faz, mas como hábitos mentais, como atitudes básicas, é claro que faz.

Já afirmávamos em outro parágrafo que o fazer define em boa medida o ser. E resulta que o fazer profissional, especialmente quando é concorde com a vocação, ocupa um lugar muito grande na vida do homem. Como psicólogos, precisamos saber o que significa a prática de uma profissão X, qualquer que esta seja. Isto nos proporciona uma pista bastante segura do posicionamento axial da pessoa, de sua existência. O trabalho se relaciona com várias necessidades. Vejamos algumas.

4. *Necessidades e demandas que motivam o trabalho*

1) *Demanda de autonomia* - Mediante o trabalho o sujeito obtém uma autonomia de fato, atendendo suas exigências econômicas de sobrevivência. Ser dependente economicamente (dos pais ou do marido) implica em outras formas de dependência.

2) *Demanda de status* - O homem se define de diversas formas em termos de posições e funções sociais. É o que se denomina status. A profissão é uma forma de status altamente definidora da situação de uma pessoa, em especial na sociedade capitalista técnico-consumista. Não é gratuito que o primeiro dado que preenchamos num formulário, depois do nome, é a profissão. Ela nos identifica socialmente e nos localiza numa hierarquia.

3) *Demanda de inserção e identidade grupais* - Toda profissão insere ao sujeito dentro de uma categoria ou agremiação. Embora um advogado, um psicólogo, trabalhem sozinhos num escritório (como a maioria dos chamados profissionais liberais) eles têm consciência de que pertencem a um conjunto maior. O indivíduo não é apenas julgado como indivíduo - o é também como membro dessa agremiação de colegas. Uma profissão se torna importante não só pelos serviços que presta à comunidade; sua importância também deriva da organização que esses profissionais consigam dar-se, pelo poder social e pelo prestígio conseqüente.

4) *Demanda de auto-realização* - Uma das formas concretas de tornar-se real (realizar-se) é mediante a atividade produtiva.

O pensamento que não se torna ação se perde na fantasia; os desejos

que não se transformam em ação, em impulsos propulsores, ficam como resíduos inertes ou como meros momentos de tensão. Pela ação arquitetamos o desenho concreto de nossa realidade. Não se trata de qualquer atividade. Para que um trabalho se realize precisa levar-nos a um encontro com nosso ser mais próprio, deve articular-se com a vocação; no mínimo nos deve gratificar em algum aspecto importante. Quando um ofício apenas se exerce como meio de subsistência e quando não corresponde às aspirações do sujeito, tende a gerar um resíduo muito tóxico que bem pode envenenar sua atmosfera mental. Muitas pessoas entram em circuitos neuróticos como decorrência da impossibilidade de realização nesta esfera.

5) Demanda de criatividade - A criatividade não é um atributo exclusivo dos gênios e dos homens notáveis. Neles é um traço dominante, é claro. Até os menos dotados são capazes de criar. Por isso, toda atividade oferece alguma oportunidade de exercitar a inteligência renovadora. Sem dúvida que há trabalhos que exigem mais criatividade que outros. É indiscutível também que há pessoas mais talentosas, que precisam trabalhar em tarefas que desafiem e estimulem seus talentos. O desperdício de talento é, lamentavelmente, bastante comum, ora por falta de caráter, ora por falta de oportunidades do mercado.

6) Demanda de reconhecimento. - Todos nós esperamos que os outros - nossos filhos, os pais, o patrão, os alunos, os amigos - expressem de uma maneira positiva a valorização de nosso trabalho, dedicação e afeto. Esperamos ser reconhecidos em nossa virtude.

À rigor, todas estas necessidades são demandas próprias do ser do homem; neste sentido têm um caráter ontológico. A necessidade, na linguagem usual, nos parece oriunda do bio-físico. Emanam de uma necessidade básica: a de sobrevivência.

Surgem de uma carência orgânica, que obriga e submete ao animal (o ao sujeito humano enquanto animal) a seu império. As demandas são exclusivamente humanas; não são inadiáveis nem imperativas como as necessidades, mas são fatores importantes para um desenvolvimento saudável. As necessidades têm um caráter compulso e altamente perturbadoras quando não são atendidas dentro de um período padrão. É certo que a pessoa pode acostumar-se a um mínimo de comida e reduzir seu período de sono, mas essa falta terá efeitos a curto prazo, tanto a nível orgânico quanto a nível psicológico. As demandas desatendidas são experimentadas como insatisfação e, nos casos mais acentuados, como frustração, irritabilidade e tensão. Certamente outros sentimentos podem surgir de demandas insatisfeitas. A falta de autonomia vivida como subordinação servil e humilhante gera senti-

mento de sufoco e de revolta, -a menos que o indivíduo se tenha adaptado à servidão, reduzindo sua demanda ao mínimo vital.

Demandas, necessidades, interesses e afetos funcionam como os grandes motivadores da conduta humana. Todos estes motivadores tem uma forma de expressão diferenciada, conforme seja o tipo de personalidade, o momento e o estágio e o histórico de vida de cada qual. Existem sujeitos cuja demanda de autonomia e de criatividade é mínima, aceitando a dependência e a mera rotina com tranquilidade bovina. Dão-nos a impressão de que a criatividade não é uma necessidade neles. Será mesmo assim? Se a criatividade não é entendida unicamente como produção de novas realidades (e ficções), mas como recriação do campo vivencial, então eu diria que tal necessidade está presente neste tipo de pessoas, embora em nível reduzido.

Notas e leituras recomendáveis:

- (1) Bertaux, Daniel: *Destinos pessoais e estrutura de classe* (Zahar edit., Rio de J. 1979)
 - (2) Schutz, Alfred, & Luckmann, Thomas: *Las estructuras del mundo de la vida* (Amorrortu editores, B. Aires, 1977)
- (&)TD= terapia de desenvolvimento; TC= terapia de crise ou situacional; TS= terapia sintomática (que se centraliza nos aspectos sintomáticos do sujeito).